



A IMAGEM NÃO REPRESENTADA DOS INDÍGENAS EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS: APRENDIZAGENS NO PIBID

Erick Charlles Oliveira Silva¹
Brunemberg da Silva Soares²
José Adelson Lopes Peixoto³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados de projetos aplicados na Escola Municipal Dr. Gerson Jatobá Leite, no município de Palmeira dos Índios/AL, nas turmas dos 9º anos A, B, C, D e E. Com base nas atividades desenvolvidas nas referidas turmas, realizamos uma análise da imagem do indígena no município e de como o povo Xukuru-Kariri está representado nos elementos que compõem as narrativas locais. A pesquisa analisou a contribuição do PIBID para a implementação de projetos que ajudam em reflexões que percebam os indígenas como sujeitos históricos ativos. Para a concretização da pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa, nos utilizando de pesquisa bibliográfica em obras que fazem reflexões sobre o conceito de imagem e representação, espaço e memória. A pesquisa está ancorada em autores que se debruçaram sobre a história local, como Soares (2020) que apresenta aspectos importantes da história dos Xukuru-Kariri, complementando a problematização e análise imagética desse povo na cidade. Para o método antropológico de observação participante utilizamos a teoria de Malinowski (1978). Ainda, nos fundamentamos nos estudos de Oliveira (1996), sobre a pesquisa de campo, notadamente em sua ênfase na importância do olhar livre de estereótipos como elemento essencial para a produção de material científico. No mais, infere-se que em Palmeira dos Índios fazem-se usos indevidos de representações sobre os indígenas, visto que são descritos de maneira genérica e estereotipada, abrindo margem para o preconceito dos cidadãos palmerindios contra o referido povo.

Palavras-chave: Educação. Didática. Ensino de História. Povos originários.

INTRODUÇÃO

Estima-se que a presença indígena no território que atualmente compõe o município de Palmeira dos Índios, no interior de Alagoas, remonta ao século XVIII, sendo o ano 1740 apontado como provável para a chegada de povos Xukuru e Kariri à região (Mello *apud* Antunes, 1973). Em face dessa realidade, as narrativas constituídas sobre Palmeira dos Índios tendem a se utilizar da presença indígena para inspirar histórias sobre a “identidade” local.

¹ Aluno do Curso de História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL – Campus III), bolsista do PIBIC, financiado pela FAPEAL, voluntário do PIBID e Membro do Grupo de Pesquisa de História Indígena em Alagoas (GPHIAL); E-mail: erick.silva.2022@alunos.uneal.edu.br

² Professor efetivo da Rede Municipal de Educação de Palmeira dos Índios, atuando na Escola Dr. Gerson Jatobá Leite. Bolsista Supervisor do PIBID, financiado pela CAPES. Membro do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas (GPHIAL). E-mail: brunemberg@gmail.com

³ Professor titular do curso de História na Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL - Campus III). Coordenador do Grupo de Pesquisas em História Indígena de Alagoas (GPHIAL) e Coordenador do subprojeto de História do PIBID/CAPES. E-mail: adelsonlopes@uneal.edu.br



Assim, além de narrativas escritas por memorialistas locais, a presença indígena inspirou a construção de alguns monumentos para “homenagear” o povo Xukuru-Kariri, que, conforme veremos, não é representado positivamente nesses elementos, pois é retratado de forma folclórica e romântica.

Este estudo irá apresentar como o Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi fundamental para a criação e conclusão de uma atividade de análise de imagens realizada em salas de aula, a partir da qual grande parte dos alunos das turmas envolvidas (nonos anos A, B, C, D e E) participaram e apresentaram seus pontos de vista sobre a imagem que o município transmite referente ao povo indígena que ali habita. Além de se fazer importante no aprimoramento das práticas didáticas, visto que as atuações dos pibidianos na Escola Municipal Dr. Gerson Jabotá Leite, lócus desta pesquisa, não se restringiram à atividade analisada neste estudo.

Isto posto, o artigo se sustentará na análise iconográfica e iconológica (Panofsky, 1996) das representações imagéticas referentes a essa etnia no município de Palmeira dos Índios, a fim de refletir sobre o porquê de os Xukuru-Kariri não estarem sendo “bem representados”, mesmo existindo 11 aldeamentos desse povo na referida localidade. Adiante, apresentaremos os resultados de uma atividade elaborada para as turmas dos 9º anos da citada escola, na qual os alunos discutiram as representações imagéticas dos indígenas no cotidiano palmeirense.

O embasamento teórico se ancora em textos de autores que pesquisaram sobre o assunto, tais como Soares (2017 e 2020), Peixoto (2021) e Neves (2016). Além de teorias que nos ajudaram a entender o processo de representações sociais, como Moscovici (1978). Ainda, fundamentamos a análise imagética no texto de Panofsky (1991). Como corpus de análise, utilizamos de imagens de monumentos e locais da cidade que apresentam elementos relacionados à presença do povo Xukuru-Kariri. Os textos visuais foram incorporados com a finalidade de discutir a representatividade indígena que supostamente evocam.

A ORIGEM DO TERRITÓRIO XUKURU-KARIRI

A expansão portuguesa no litoral Alagoano e em regiões próximas ao rio São Francisco resultou na migração de comunidades indígenas rumo ao interior do território, nas regiões ora denominadas “sertões” (Oliveira, 2019). Por conta da catequização, com o passar do tempo, algumas tradições, costumes e, principalmente, idiomas foram perdidos diante desse violento processo. Estima-se que a chegada dos referidos povos à região que atualmente abrange a zona urbana de Palmeira dos Índios ocorreu nesse período, tendo sido registrada no Arquivo

Paroquial da Secretaria da Diocese pelo Vigário José de Maia Mello, presbítero secular da Igreja de São José (Roma), e pároco da cidade de 1847 a 1899. De acordo com o religioso,

No ano de 1740, desseram índios da Aldeia de Simbres do alto Sertão de Pernambuco, e se aldearam na Serra da Palmeira, e vinherão outros (índios) d' Aldeia do Colégio do Rio S. Francisco desta Província (Alagoas) . Estes da Tribu Chucurú, e aqueles da Tribu Cariry (Mello *apud* Antunes, 1973, p. 45).

No entanto, com a chegada dos portugueses à região, os indígenas foram sendo expulsos das planícies férteis, onde cultivavam seus alimentos (Soares, 2020). Como resultado, se tornou necessário, e estratégico, se organizar nos altos das serras, de onde poderiam ter um campo de visão mais amplo da região, possibilitando reações rápidas, caso necessitassem fugir dos colonos, por exemplo.

O território habitado pelos Xukuru-Kariri fazia parte da sesmaria de Burgos, datada de 1661, oferecida pelo Governador Geral do Brasil ao Desembargador Cristovão de Burgos. Em 1712, o Coronel Manuel da Cruz Vilella adquiriu parte da referida sesmaria de um sobrinho do então falecido Cristovão de Burgos. Em 1773, Dona Maria Pereira Gonçalves, viúva do Coronel Vilella, doou parte dessa sesmaria a um religioso chamado Frei Domingos de São José, para que ele levantasse uma capela em homenagem ao Bom Jesus da Boa Morte, a fim, também, de cristianizar os indígenas, na serra da Cafurna (Soares, 2020).

Seguindo com o processo de catequização dos indígenas, foi erguido uma segunda capela, no sopé da citada serra, a fim de atrair pessoas para dar início a povoação no, até então, aldeamento de Palmeira dos Índios. O padroeiro da capela no alto da serra, Bom Jesus da Boa Morte, foi substituído por Nossa Senhora do Amparo e, para dirigir essa igreja, foi nomeado o Padre João Morato Rosas. E então, com a construção de uma igreja em um local mais acessível e a permanência do Padre na região, se deu um progressivo crescimento do fluxo de colonos que migraram para a região (Peixoto, 2021).

O município, com o passar do tempo, começou a adotar diversos adornos indígenas para compor a dita “identidade palmeiríndia”. Sendo esse sentimento de ancestralidade indígena acentuado com as descobertas arqueológicas de Clóvis Antunes, em 1975, principalmente de urnas funerárias contendo restos humanos e objetos de tradição indígena (Soares, 2020), pois se fez presente uma prova material desse passado, que antes era somente expresso por relatos orais, ou pela literatura de Luiz Torres, com a lenda fundante da cidade⁴, fonte de inspiração

⁴ Luiz Barros Torres foi um memorialista de grande importância para a cidade de Palmeira dos Índios, foi o responsável pela criação do hino da cidade, da lenda “fundante da cidade”, protagonizada pelos indígenas Tilixi e

dos símbolos cívicos do município (Peixoto, 2021). Como resultado, surgiram representações, a exemplo da expressa na fotografia abaixo.

Fotografia 1 – Estátua da indígena Txiliá



Fonte: acervo do GPHIAL, op. cit. p. 19. Autor: Adauto Rocha, 2019.

Fotografia 2 – Hunkpapa Lakota Sitting Bull



Fonte: DF Barry, 1885. Disponível em: <https://loc.gov/pictures/resource/cph.3a06022/>; Acesso em 19/08/2023

A fotografia número 1 se refere a estátua presente na praça Moreno Brandão, popularmente conhecida como Praça do Açude, localizada próximo ao centro da cidade. Foi esculpida por Alexandre Tito a pedido do então prefeito Helenildo Ribeiro, em 1988. Se trata da escultura de uma indígena despida, com cabelos lisos e longos, divididos em duas partes com duas tranças ao final dos cabelos, o cocá em sua cabeça possui três penas, as quais estão voltadas para a parte de trás de sua cabeça.

A fotografia número 2 apresenta um chefe indígena norte americano da etnia Lakota (Sioux), chamado Sitting Bull. Inegavelmente notamos algumas semelhanças em ambas as imagens, tais como a pena atrás da cabeça e o cabelo, o qual também é longo e as duas tranças na extremidade, que também se fazem presentes. Diversos estereótipos de indígenas norte-

Tixiliá, do brasão presente na bandeira, e o responsável pela idealização do Museu Xucurus de História, Artes e Costumes (Peixoto; Rodrigues, 2019).

americanos foram adotados pela mídia estadunidense (principalmente em desenhos animados), reforçando assim uma ideia de que todo indígena possui uma só aparência.

Imagem 1 – Indígena em Pica-Pau



Fonte: PICA-PAU, O cabeleireiro. Minuto 1:15. Direção: Walter Lantz. 1952.

A imagem acima apresenta uma indígena inserida em um episódio do desenho animado Pica-Pau (1952), no episódio “O cabeleireiro”. A indígena apresentada na Imagem 3 possui, basicamente, os mesmos elementos e adornos que a estátua da indígena Txiliá e o chefe indígena Sitting Bull (cabelo dividido em duas tranças e o cocá com uma única pena na parte de trás).

A referida estátua em nada representa o povo Xukuru-Kariri, pois se trata de um retrato de um perfil indígena produzido com base em relatos românticos e folclóricos predominantes no século XIX, porém ecoaram ao longo do século XX e, em certa medida, permanecem até os dias atuais. Além disso, recorda um estereótipo de indígenas distantes, retratando-os como se estes fossem um “museu eterno”, que devem ser lembrados pela sociedade como aqueles que foram citados por Pero Vaz de Caminha em sua carta de “achamento” do Brasil.

Com base no que foi apresentado e descrito com as fotografias e imagem, observamos que a adoção de representações indígenas da América do Norte se fez presente ao longo da história da sociedade palmeiríndia. Visto que desde o processo de criação dos símbolos locais, brasão e escudo do município, por exemplo, foi pensado em uma versão em que estivesse presente um cocá norte americano (observar imagem 2). No entanto, o desenho inicial foi descartado e o cocá foi substituído pelo lendário casal indígena, Tilixi e Txiliá⁵, conforme pode ser observado na prancha fotográfica 2 e na imagem 2.

Imagem 2 – Primeira versão do brasão do município

⁵ Lenda criada por Luiz Torres, a qual remonta a narrativa da história de formação da cidade de maneira romântica, através da história de um amor proibido entre os indígenas Tilixi e Tixiliá. Segundo a lenda, no local onde o casal morreu, vitimado por uma liderança indígena que não aprovava o romance entre os dois, nasceram duas palmeiras, dando origem ao nome da cidade. Fonte das informações: TORRES, Luiz de Barros. Palmeira dos Índios “Cidade do Amor. Manuscrito disponível no acervo do GPHIAL.



Fonte: Acervo GPHIAL. Autor: Luiz Barros Torres.

A representação de um indígena mítico e folclórico contribui com a produção e disseminação de perspectivas estereotipadas e, muitas vezes, carregadas de preconceitos sobre os indígenas e suas expressões socioculturais. Além de invisibilizar tais expressões dos Xukuru-Kariri por no município adotar nos símbolos elementos presentes na cultura indígena norte americana. Ademais, contribui para uma visão romantizada da história do município, deixando de lado os conflitos territoriais frequentes na localidade.

A PESQUISA DE CAMPO: A SALA DE AULA COMO LÓCUS DA PESQUISA

Antes de darmos início aos trabalhos propostos pelo projeto do PIBID na Escola Dr. Gerson Jatobá Leite, dispusemos primeiro de duas semanas de observação em sala de aula, diante desse momento, pudemos constatar, também, a presença de alunos pertencentes a etnia indígena Xukuru-Kariri. Nessa etapa, os bolsistas chegavam à escola por volta das 13h acompanhavam as cinco aulas do dia (sendo uma em cada turma de nono ano), extraindo informações sobre as turmas e de como eram aplicadas as metodologias de aulas do professor Brunemberg Soares, encerrando a observação aproximadamente às 17h. Para fundamentar esse momento de conhecimento dos alunos, utilizamos a metodologia de observação participante proposta por Malinowski (1978).

Foi observado o comportamento dos alunos e as anotações correspondentes a cada turma foram feitas em um caderno de campo, priorizando registros sobre como os alunos reagem diante das atividades do professor e sobre o comportamento que predominava nas aulas, a fim de diagnosticar onde, provavelmente, teríamos mais dificuldades em propor atividades futuras. Percebemos que a maior parcela da turma, interagiu mais e suas atenções focavam nas atividades que apresentavam conteúdos visuais sobre o assunto abordado.



Ao observar esse comportamento, e através de conversas posteriores com o professor supervisor a respeito de quais seriam os melhores métodos de elaboração de atividades para as turmas (considerando sua experiência docente e contato com as citadas turmas), foi possível elaborar uma atividade com o objetivo de analisar algumas das representações indígenas presentes no cotidiano de Palmeira dos Índios, a fim de instigar o senso crítico dos discentes e estimulá-los a refletir sobre a sociedade na qual estão inseridos. As imagens organizadas nas pranchas abaixo evidenciam a realização da citada atividade.

Prancha fotográfica 1 – Atividade em sala

Professor orientador: Brunaberg Soares
Professores (PIBD): Erick Charles
Sabrina Rodrigues
Eraldo Polício

ATIVIDADE DE HISTÓRIA LOCAL
OS XUKURU-KARIRI EM PALMEIRA DOS INDIOS

> **Observe atentamente as imagens abaixo.**

a) Estereótipos indígenas:



Fonte: Joice Marques, Tuxeter (@edjaneimar1021).



© 2009 Gollub®

b) Representações indígenas de Palmeira dos Índios:







Professor orientador: Brunaberg Soares
Professores (PIBD): Erick Charles
Sabrina Rodrigues
Eraldo Polício

> **Com base nas imagens que foram mostradas, responda:**

1. O que existe em comum entre as imagens do grupo A e as do grupo B?
2. Existe alguma semelhança nas fotos do grupo B com as fotos do grupo C? Se sim, quais são elas?
3. Converse com seu grupo sobre o que vocês acham de estereótipos, eles são pejorativos? Explique com **suas palavras**.
4. Palmeira dos Índios poderia representar os Xukuru-Kariri melhor? Como a cidade poderia fazer isso?
5. Os elementos do brasão da bandeira de Palmeira dos Índios, se assemelham mais com qual grupo de fotografias (grupo A, B e C)?

c) Povo Xukuru-Kariri:







Foto: Indígenas - Ojibway/Indígenas - Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Indígenas+Ojibway&rlz=C3131C131>
> Observe os elementos que compõe o Brasão da bandeira de Palmeira dos Índios.



1º esboço do brasão da bandeira, feito pelo Luiz B. Torres



2º segunda versão do brasão, feito pelo Luiz B. Torres

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Prancha fotográfica 2 – Recortes da atividade em sala

Observe atentamente as imagens abaixo.

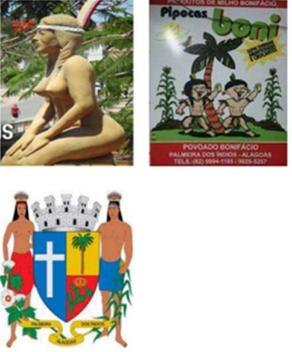
a) Estereótipos indígenas:



Fonte: Yasser Marques. Disponível em: <https://www.instagram.com/yasser.marques>. Acesso em 10/08/2023.



b) Representações indígenas de Palmeira dos Índios:



c) Povo Xukuru-Kariri:



Fonte: Instagram. (@aldeiacandem). Disponível em: <https://www.instagram.com/aldeiacandem/>. Acesso em 10/08/2023.

Observe os elementos que compõem o Brasão da bandeira de Palmeira dos Índios.



1º esboço do brasão da bandeira, feito pelo Luiz B. Torres



Com base nas imagens que foram mostradas, responda:

- O que existe em comum entre as imagens do grupo A e as do grupo B?
- Existe alguma semelhança nas fotos do grupo B com as fotos do grupo C? Se sim, quais são elas?
- Converse com seu grupo sobre o que vocês acham de estereótipos, eles são pejorativos? Explique com suas palavras.
- Palmeira dos Índios poderia representar os Xukuru-Kariri melhor? Como a cidade poderia fazer isso?
- Os elementos do brasão da bandeira de Palmeira dos Índios, se assemelham mais com qual grupo de fotografias (grupo A, B e C)?

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Em primeiro lugar, destacamos que para a escolha das imagens do Grupo A (estereótipos indígenas) procuramos as que mais se assemelhavam à “ideia de índio” presente no senso comum de Palmeira dos Índios, considerando a realidade local (Soares, 2020; Peixoto, 2021). Esse indígena seria o típico índio de corte de cabelo em formato arredondado, o cocá com poucas penas na parte de trás da cabeça e com pouca ou nenhuma roupa.

Dessa forma, na atividade buscamos dar um destaque a esses elementos considerados como característicos dos indígenas, principalmente na primeira e na quarta imagem do Grupo A, conforme pode ser observado na prancha 2. A primeira imagem é de autoria de um artista brasileiro e a última é um modelo pronto de uma atividade proposta para ser colorida em comemoração ao Dia dos Povos Indígenas. Destacamos, no entanto, que este trabalho não irá tecer nenhuma crítica ao artista que produziu a arte utilizada na atividade.

Para aplicar a atividade em sala, primeiramente contextualizamos com um estudo sobre a história do povo Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios. Após isso, solicitamos aos discentes

que se dividissem em pequenos grupos (3 ou 4 pessoas) para fazerem a atividade em conjunto. Foi decidido que as questões da atividade seriam todas abertas, para garantir uma pluralidade de respostas, captar pontos de vistas diferentes e para não dar margem a qualquer tipo de limitação que uma questão fechada pudesse trazer.

Foram devolvidas, corrigidas e analisadas 24 atividades em grupo, sendo oito do 9º ano 'A', três do 9º 'B', três do 9º 'C', sete do 9º 'D', e três do 9º 'E'. Por se tratar de questões abertas, procuramos, entre as respostas dadas pelos diversos alunos, pontos onde estas se confluíram, assim, tornando mais prática a soma e análise delas. Como síntese das respostas às questões da atividade aplicada, na prancha 2, obtivemos os seguintes dados:

Questão	Síntese geral das respostas	Total de Respostas
1	São representações estereotipadas	17
2	Não encontrei semelhança	9
3	São negativos, pois reforçam ideias preconceituosas	22
4	Sim, trazendo mais visibilidade ao povo indígena	22
5	Grupo B	17

Fonte: Acervo pessoal dos autores

Ainda sobre a atividade proposta, é importante destacar que tivemos algumas dificuldades durante a sua aplicação, bem como no momento da correção, principalmente no processo de leitura e categorização das respostas. Dentre as eventualidades, duas se apresentam como mais relevantes para nossa análise: a primeira foi que alguns alunos, principalmente do 9º D, tiveram dificuldades em entender o que significava o termo “pejorativo” e outros, não lembravam da definição de “estereótipos”.

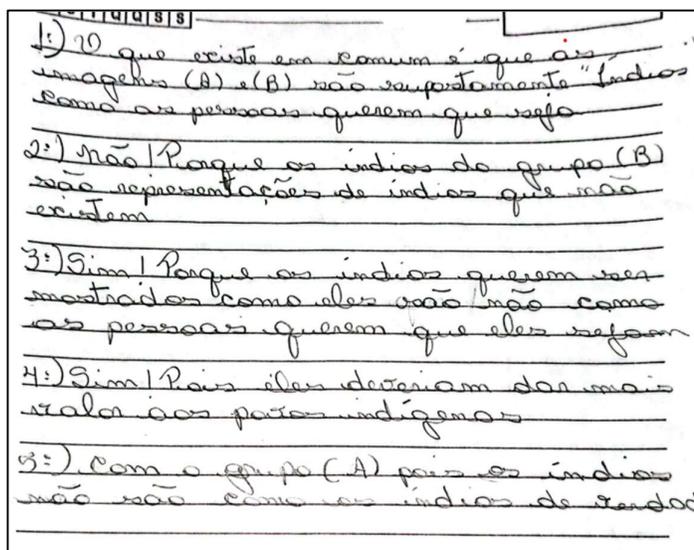
Nessas situações, tivemos que intervir e explicar o significado desses termos, isto fez com que a situação fosse rapidamente resolvida. A segunda dificuldade foi que algumas respostas não condizem com o que a pergunta solicitava, indicando, assim, que não souberam interpretar a questão, trocaram algumas respostas ou não leram os enunciados com atenção. A exemplo disso, tivemos a resposta: “muito lindas as roupas, o cocá e a aldeia”, na terceira questão, a qual pediu para discutirem com o grupo sobre o que pensavam sobre estereótipos e se são pejorativos. Podendo ser isso, no entanto, reflexo dos produtos, dos discursos e imagens romantizadas e folclorizadas produzidas sobre os indígenas em Palmeira dos Índios.

Como já havíamos citado, para a análise dos dados, ora consideramos as respostas de maneira mais ampla, a fim de quantificar as respostas dadas, ora de maneira singular, (Alarcon, 2020; Ventura 2007) para dar destaque e atenção às elaboradas pelos alunos indígenas presentes em algumas das turmas. Como resultado dessa abordagem, notamos que, por vezes, os alunos

indígenas que participaram da atividade se manifestaram contra o modelo de imagens e discursos disseminados no município e, outras vezes, foram dadas respostas nas quais os próprios alunos indígenas eram afetados por essa representação, de modo a não saber responder de maneira clara a atividade.

Ao longo da pesquisa nos deparamos com uma situação extremamente singular. Em uma turma, existe uma aluna indígena Xukuru-Kariri, da aldeia Cafurna de Baixo. Esta não sabia que a história romântica dos indígenas Tilixí e Txiliá não passa de uma lenda, sem nenhum compromisso com o real. Ao falarmos desse fato durante a aula, a aluna aparentou ter ficado chocada e desanimada com a informação, pois considerava a história um modelo de narrativa romântica, a exemplo de Romeu e Julieta; tendo mais apreço pelos protagonistas terem sido, se houvesse verdade na lenda, seus antepassados. Observemos outros exemplos de respostas.

Fotografia 3 – Recorte de atividade



Fonte: Acervo pessoal dos autores

Dentre as variadas respostas dadas pelos alunos, escolhemos uma para dar destaque: a da referida aluna indígena da aldeia Cafurna de Baixo. Mostrando que este grupo teve destaque ao se posicionar de maneira mais crítica e ativa frente às representações imagéticas do povo Xukuru-Kariri e que a referida atividade atuou como uma forma da comunidade indígena, presente na escola, se posicionar em relação a representação que Palmeira dos Índios faz sobre o seu povo, apresentando suas ideias e seus pontos de vistas.

Em contraponto a isso, em uma entrevista com outra aluna, do 9º D, a interlocutora nos relatou que achava positivas as representações que Palmeira dos Índios faz, pois as percebia

como importantes para que a cultura indígena seja lembrada ao representar os indígenas “como eles eram no passado”. Notamos uma disparidade na fala da citada aluna, pois ao mesmo tempo em que ela enxerga a representação feita pela cidade como “positiva”, ela relata que o seu povo é retratado “como eram no passado”. Ou seja, a aluna percebe que as produções imagéticas analisadas não traduzem o seu povo, mas sim, um povo em um passado distante, construído através de relatos de romancistas e de cronistas do século XIX.

Com isso, a referida atividade atuou de maneira significativa para o estímulo dos alunos em trabalhar suas habilidades críticas. Além disso, possibilitou a atuação dos discentes como sujeitos ativos do processo de ensino aprendizagem, evidenciando seu protagonismo na construção do conhecimento e na reflexão crítica sobre a realidade, pois a maioria deles se preocupam em destacar a necessidade de que Palmeira dos Índios dê “mais valor” e represente os indígenas “como eles são, não como as pessoas querem que eles sejam”.

CONCLUSÃO

A presença das representações imagéticas indígenas em Palmeira dos Índios, sendo bem ou malfeita, de fato existe. Entretanto, o que este estudo se propôs a apresentar foi referente a não representação do ponto de vista da história e expressões socioculturais indígenas, dos povos que habitam a localidade, entendendo que os monumentos presentes no cotidiano do município foram criados para “representar”, ou “homenagear”, a comunidade indígena Xukuru-Kariri.

Em suma, a partir das análises imagéticas feitas neste estudo, associada à atividade aplicada nas turmas dos 9º anos, tornadas possíveis pela atuação junto ao PIBID, programa que atuou como agente cambiante fundamental para o levantamento e categorização dos dados presentes neste estudo, atestou-se que em Palmeira dos Índios se faz o uso indevido das representações visuais dos indígenas, por não traduzir as expressões socioculturais do povo citado, a fim de promover o município.

Além disso, constatamos que os discentes dos 9º anos corroboram em afirmar que as imagens e discursos presentes no município retratam um indígena estereotipado e genérico, fruto dos relatos e histórias que remontam ao povo de uma forma romântica feitos por memorialistas locais, notadamente Luiz Torres, os quais tiveram destaque e protagonismo para a criação dos símbolos que compõem a “identidade palmeiríndia” (Soares, 2020).

Este estudo procurou fazer uma discussão prévia sobre o assunto abordado. Sabendo disso, ainda há margem para o aprofundamento da temática, acrescentando relatos orais da comunidade indígena, fazendo seus pensamentos e vozes ecoarem, sendo a ausência desta

fundamentação, a principal limitação deste artigo. De todo modo, isto não compromete os resultados obtidos, visto que o objetivo, além de discutir as representações imagéticas do povo indígena na município, foi levar esse contexto para a realidade em sala de aula, possibilitando reflexões sobre a presença indígena em Palmeira dos Índios, o que mostrou que os discentes são protagonistas ativos no processo de aprendizagem crítica.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Clóvis. **Wakona - Kariri - Xukuru**: aspectos socioantropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas. Maceió: UFAL, 1973

NEVES, Mary Hellen Lima. A (in)visibilidade dos índios xukuru-kariri frente à sociedade palmeirense In: III encontro nacional de história do sertão: culturas políticas, oralidades e tempo presente, 2016, Delmiro Gouveia. **Anais do III encontro nacional de história do sertão**. Maceió: Edufal, 2016. v.III. p. 394 – 400

SILVA, Edson. A afirmação dos índios no Nordeste. **Revista Crítica Histórica**, v. 2, n. 4, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: **Abril Cultural**, 1978.

PEIXOTO, José Adelson Lopes. **Memórias e imagens em confronto**: os Xukuru-kariri nos acervos de Luiz Torres e Lenoir Tibiriçá. Maceió: Editora OLyver, 2021.

SANTOS, Luan Moraes. **Os Xukuru-Kariri e as Elites**: história, poder e conflito territorial em Palmeira dos Índios-AL (1979-2015). Palmeira dos Índios: Editora Olyver, 2021

SOARES, Brunemberg da Silva. **Apropriações e usos de imagens sobre os índios Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios/AL (1968-2010)**. Maceió: Editora Olyver, 2019.

SOARES, Brunemberg da Silva; PEIXOTO, José Adelson Lopes. Cara de índio: diferentes visões sobre os Xukuru-Kariri em Palmeira dos Índios. **REVEXT-Revista de Extensão da Universidade Estadual de Alagoas-UNEAL**, v. 2, n. 1, p. 279-290, 2017.

TORRES, Luiz de Barros. **Os índios Xukuru e Kariri em Palmeira dos Índios**. 4 ed. ampliada e revisada. Palmeira dos Índios: ed. do autor, 1974.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.